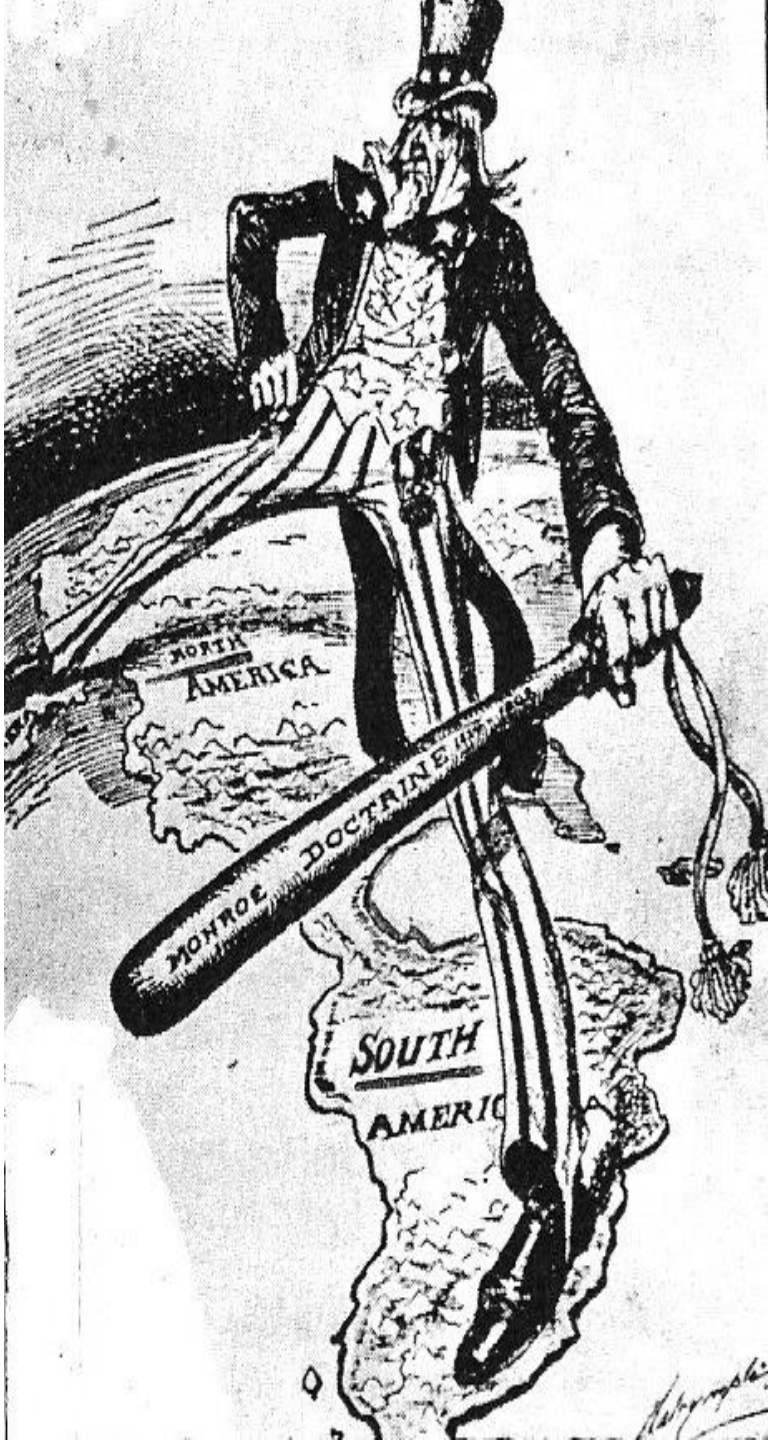
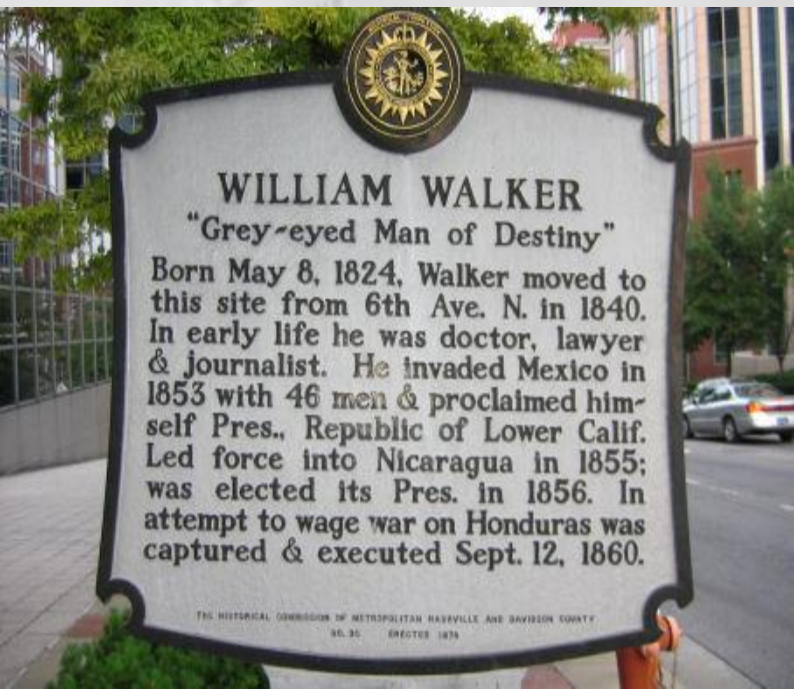
GOLFO DE MÉXICO
Cuba
Is. Cayman
Jamaica
Haiti
México
Belice
Belmopan
Honduras
Ciudad de Guatemala
Tegucigalpa
Guatemala
San Salvador
El Salvador
Nicaragua
Managua
N
MAR CARIBE
San José
Ciudad de Panamá
OCÉANO PACÍFICO
Costa Rica
Colombia
Panamá

A Nicarágua, como suas irmãs do istmo, emancipou-se da Espanha em 15/09/1821, dois anos antes da promulgação da Doutrina Monroe em 02/12/1823. A primeira metade do século XIX foi caracterizada por embates entre forças oligárquicas da América Central, que resultaram em sua fragmentação política, e pela competição entre potências centrais (especialmente EUA e Inglaterra) pela exploração do potencial geográfico da Nicarágua, local privilegiado para um futuro canal entre Atlântico e Pacífico.





A primeira das catorze invasões norte americanas na Nicarágua até 1933 ocorreu em 06/1855, quando o mercenário William Walker foi contratado por oligarcas liberais para depor o presidente conservador Frutos Chamorro. Walker se autodeclarou presidente da Nicarágua e promulgou a retomada da escravidão, abolida em 1822 pelo governo centro americano. Liberais e conservadores se uniram e, com apoio de outros povos da América Central, expulsaram Walker em 05/1857

Após décadas de domínio conservador, liberais identificados com a atrofiada burguesia cafeeira nascente subiram ao poder em 11/07/1893. O regime de José Santos Zelaya realizou reformas burguesas que despojaram oligarcas tradicionais de privilégios, separaram Igreja e Estado e resgataram a soberania sobre o território atlântico ainda sob controle inglês. Contudo, devido à pressão norte americana, Zelaya deixou pacificamente a presidência em 1909, enterrando as pretensões de uma revolução burguesa na Nicarágua.

De volta ao poder, os conservadores assinaram em 1910 com os EUA os convênios Dawson, que reduziam a Nicarágua à condição de protetorado. Em troca de empréstimos, norte americanos passaram a controlar o Banco Central da Nicarágua, a alfândega e as ferrovias do país. Face as revoltas desencadeadas pelo acordo, deu-se uma nova intervenção militar norte americana de 1912 a 1925. Em meio à construção do canal do Panamá (1901-1914) crescia a necessidade norte americana de controle sobre a América Central.

“ O recrudescimento das agressões yankees à Nicarágua desde 1909 significou a imposição de uma grande frustração histórica no processo de desenvolvimento da sociedade nicaraguense. A mudança política realizada em 1893 significava o passo mais importante registrado no acontecer nicaraguense, ao lado da emancipação da Espanha e da expulsão dos aventureiros. Caso não tivesse ocorrido a intervenção imperialista, o processo socialdemocrático-burguês teria seguido sua evolução natural, e os velhos obstáculos certamente teriam sido superados em curto prazo[...]

[...] O acordo Dawson incluía a criação no país de uma comissão mista de apelação, formada por um nicaraguense, um estadunidense, designado pelos interesses estrangeiros, e um terceiro membro, nomeado livremente pelo presidente dos EUA. Por sua vez, as alfândegas seriam fiscalizadas constantemente por um inspetor estadunidense. A pequena e estratégica Nicarágua ficava reduzida à condição de protetorado. A ideia de construir uma via férrea para o Atlântico, que começara a concretizar-se com a política nacionalita do governo anterior, foi jogada no lixo em prol do interesse estadunidense no Panamá" (Carlos Fonseca, *Viva Sandino,* 1975)

Em 1924 elegeu-se uma composição de conservadores e liberais que buscou reduzir a ingerência dos EUA. Em resposta, o conservador Emiliano Chamorro deu um golpe de Estado em 10/1925 que desencadeou uma guerra civil. Em meio a uma nova intervenção militar norte americana que se estenderia de 1926 a 1933, tropas liberais agruparam-se em torno de Juan Sacasa e José Moncada. É nesse período que o operário-camponês Augusto César Sandino organizará seu Exército Defensor da Soberania Nacional.

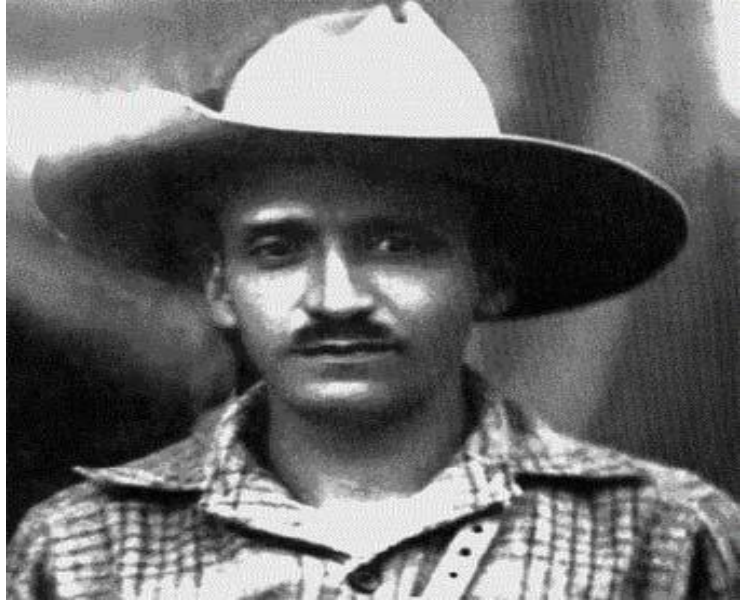
Augusto César Sandino, 1895-1934

Sandino nasceu em 18/05/1895 e em sua infância trabalhou no campo. Em 1921 deixou a Nicarágua em busca de emprego e, depois de atravessar a América Central, instalou-se no México como operário mecânico nas instalações da companhia estrangeira Huasteca Petroleum Company, em Cerro Azul, Veracruz. O contexto anti-imperialista da revolução mexicana e a cultura anarcossindicalista do operariado de Cerro Azul exerceram forte influência em Sandino, que voltou à Nicarágua em 05/1926 disposto a lutar contra a intervenção norte americana.

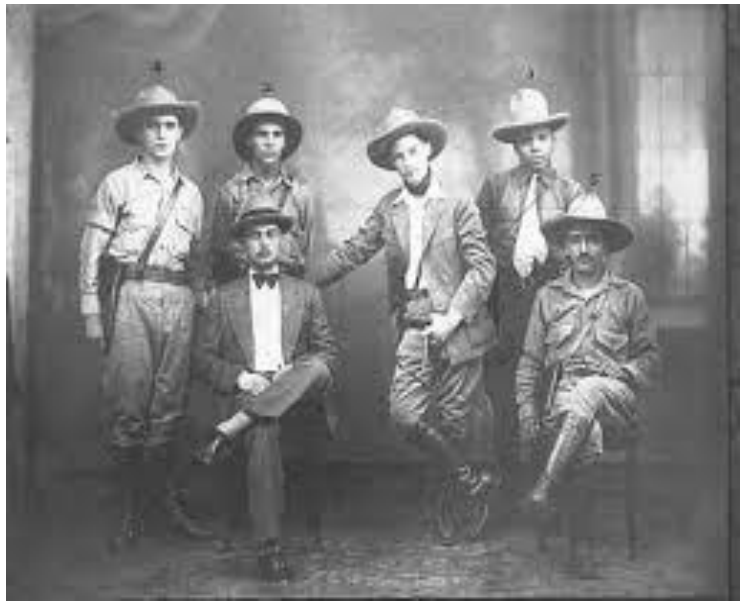
Sandino instalou-se nas Segóvias, zona montanhosa ao norte da Nicarágua, onde empregou-se na mineradora San Albino, propriedade estadunidense. Em 10/1926, junto a outros trabalhadores, Sandino subtraiu dinamite dos depósitos da empresa e passou a lutar contra o regime. Seu exército, composto em sua maioria por camponeses, colocou-se inicialmente ao lado das tropas liberais de Sacasa e Moncada contra o governo conservador e as tropas norte americanas.

Em 05/1927, os liberais fecharam um acordo com representantes norte americanos: deporiam suas armas em troca do apoio dos EUA à eleição de José Moncada em 1928 e de Juan Sacasa em 1932. Sandino, contudo, recusou-se a entregar suas armas e seguiu inicialmente com 30 combatentes exigindo a retirada das tropas norte americanas, que em 1927 já somavam 16 navios de guerra, com 3.900 soldados, 215 oficiais e 865 marines. A guerra civil que estenderia até 1933 mataria 20 mil pessoas, dentre 640 mil nicaraguenses

Sandino viajou ao México entre 1929 e 1930 em busca de apoio político e econômico, mas encontrou reconhecimento limitado a sua luta. Por um lado, seu nacionalismo anti-imperialista possuía um ideário limítrofe ao socialismo, em especial pelo destaque ao protagonismo camponês e operário. Por outro lado, o Partido Comunista Mexicano criticava a limitação de suas reivindicações à desocupação militar e ao respeito à soberania nacional, assim como seu apelo aos liberais burgueses contra o imperialismo.



Comunista salvadorenho Augustin Farabundo Martí



Augusto Sandino e Farabundo Marti em 1929

"Combatir, combatir y sólo combatir, he ahí nuestra única misión, nuestro más alto deber. El sometimiento y la quietud sólo nos pueden acarrear el descrédito y la desaparición como pueblos autónomos"

-Augusto César Sandino

"O mundo seria um desequilíbrio se permitisse que apenas os EUA fossem donos de nosso canal, pois seria o mesmo que estar a mercê do colosso do norte. (...) A civilização exige que se abra o canal da Nicarágua, mas que isso seja feito com capital do mundo todo e não exclusivamente da América do Norte, ***pois pelo menos metade do valor das obras deverá ser com capital da América Latina*** *e a outra metade, dos demais países do mundo que desejem possuir ações dessa empresa*

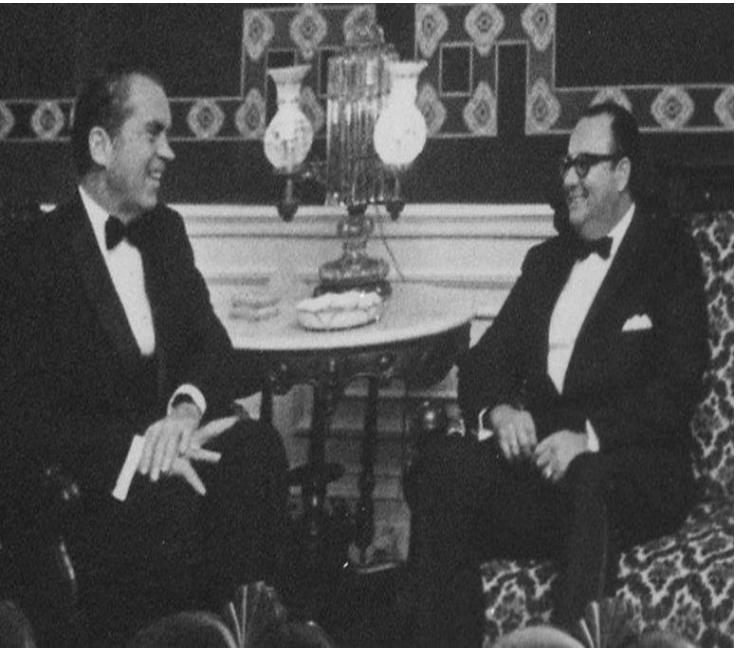
Que os EUA apenas possam ter os 3 milhões que deram aos traidores Chamorro, Diaz e Cuadra Passos. E a Nicarágua, minha pátria receberá os impostos que por direito e justiça lhe correspondem, com o que teríamos suficientes ingressos para ***cruzar com estradas de ferro todo nosso território e educar nosso povo no verdadeiro ambiente de democracia efetiva*** *e assim sermos respeitados e não vistos com o sangrento desprezo que hoje sofremos"*

Foto histórica de Anastasio Somoza García e Augusto César Sandino en 1934, denominada “abraço da morte”

Pressionados pelo enraizamento popular da guerrilha de Sandino, as tropas norte americanas retiraram-se da Nicarágua em 01/1933. Sandino reaproximou-se de Juan Sacasa e, após jantar na casa presidencial, foi preso e assassinado por membros da Guarda Nacional em 21/02/1934. Esta força repressiva fora organizada e dirigida por interventores dos EUA e era então chefiada por Anastasio Somoza Garcia. Em 1936, Somoza deu um golpe de Estado e iniciou uma ditadura, que seria estendida por seu clã até 19/07/1979.

Somoza consolidou seu regime através do fortalecimento do aparato de Estado e de sua força policial, a Guarda Nacional. Por um lado, sua imagem de caudilho da ordem era atraente à extrema direita, representada pelos “camisas azuis” pró-fascistas. Por outro, seu discurso populista pró-operariado angariou considerável apoio sindical e comunista até 1947, quando o Partido Comunista foi posto na ilegalidade e uma série de greves que explodiu após a Segunda Guerra Mundial foi duramente reprimida.

Os irmãos Luis Somoza Debayle e Anastasio Somoza Debayle



Ao longo de seu governo, Somoza acumulou espetacular fortuna pessoal e tornou-se o maior latifundiário do país, especialmente a partir do confisco de terras de alemães expulsos durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1956, Anastasio Somoza Garcia foi assassinado pelo gráfico e poeta Rigoberto Lopez Perez. Seu filho mais velho, Luis Somoza Debayle, tornou-se presidente enquanto seu segundo filho, Anastasio Somoza Debayle (“Tachito”), seguia chefe da Guarda Nacional. Ele assumiria o poder após o assassinato de seu irmão em 1967.

A Revolução Cubana de 1959 atraiu a solidariedade de jovens nicaraguenses como Carlos Fonseca. Líder estudantil filho de uma lavadeira pobre e solteira, Carlos pertencia ao Partido Socialista da Nicarágua (Comunista), mas aproximou-se em Cuba de posições guevaristas, mesclando-as ao estudo de Sandino. Após treinamento em Havana, participou em 06/1959 de uma expedição militar contra Somoza a partir de Honduras. O Exército hondurenho descobriu o grupo, matou 9 participantes e capturou os demais

Carlos Fonseca

Composta especialmente de estudantes, a Frente de Libertação Nacional (futura FSLN) nasceu em 1961 e organizou sua primeira ação guerrilheira em 1963 entre os rios Coco e Bocay. A ausência de qualquer trabalho político e enraizamento popular do foco guerrilheiro levou ao fracasso da operação. Novo foco foi criado em 1967 na região centro-norte de Pancasán, precedida de seis meses de familiarização com o terreno e contato com os camponeses. Seguiu-se novo fracasso, com três das cinco colunas aniquiladas pela Guarda Nacional.

Em 1969, Carlos Fonseca elaborou na Costa Rica o “programa histórico” da FSLN com treze pontos, dentre os quais se destacam: derrubada da ditadura e a formação de um governo revolucionário que garantisse direitos democráticos básicos; reforma agrária radical, com maciça e imediata redistribuição de terras aos que nela trabalham; expropriação da família Somoza e de seus cúmplices; nacionalização de bancos e comércio exterior e das reservas naturais nas mãos de estrangeiros; extinção da Guarda Nacional e sua substituição por um exército do povo, patriótico e revolucionário

Cmdte. Carlos Fonseca en conferencia de prensa en La Habana, Cuba 1970

Jaime Wheelock, da tendência *Proletária* (TP)

Nos anos 1970 a FSLN dividiu-se em três tendências: a tendência *Guerra Popular Prolongada* (GPP) propunha um longo período de maturação da guerrilha rural que depois se lançasse às cidades; a tendência *Proletária* (TP), influenciada pelo MIR chileno, rejeitava a estratégia de guerrilha rural e enfatizava a organização política legalizada dos trabalhadores rurais e urbanos; a tendência *Insurrecional* (TI) enfatizava ações militares no campo e nas cidades e defendia alianças táticas com forças políticas burguesas de oposição

Após a morte de Carlos Fonseca em 11/1976, formou-se uma direção nacional com três membros de cada tendência. Em 1978 foi publicado o “programa sandinista”, uma flexibilização do “programa histórico”: o foco nos trabalhadores e camponeses foi substituído por uma convocação de todas as classes para retirar Somoza; o termo “governo revolucionário” foi substituído por “governo democrático e popular”; a reforma agrária radical assumiu caráter vago e limitado; a abolição imediata da Guarda Nacional e a formação de um exército popular revolucionário transformou-se na formação de um novo exército com elementos da guarda nacional

Daniel Ortega

Humberto e Daniel Ortega

"Eu pelo menos sempre tive uma ideia bastante clara da etapa histórica que a Nicarágua deve cumprir neste século. E isto vale, creio, também para a América Latina. Trata-se, fundamentalmente, da etapa de libertação nacional. E não podemos alcançar a libertação nacional e a libertação social ao mesmo tempo; seria muito difícil. Primeiro devemos conquistar a independência, um grau de libertação nacional rica de profundos conteúdos populares, que nos permita lançar as bases para resolver os grandes problemas de ordem econômica, social e política que arrastamos conosco há séculos (...)

(...) *Por isso seria um erro enquadrar essa tarefa, que é essencialmente de natureza prática, numa ideologia completamente ortodoxa. Eles pensam que seria preciso romper relações com todos os países capitalistas, confiscar os bens da burguesia, liquidar esta classe e instaurar uma ditadura de tipo operário-camponês, tendo como aliados apenas os países socialistas. Alguns marxistas leninistas ortodoxos gostariam que nós renegássemos Sandino porque ele não era comunista. E, ao contrário, não se pode ser revolucionário na Nicarágua sem se ser sandinista*" (Humberto Ortega entrevista a Gabriele Invernizzi, 1984)

Direção Nacional da FSLN: Tomás Borge, Victor Tirado, Humberto Ortega, Henry Ruíz, Daniel Ortega, Jamie Wheelock, Bayardo Arce, Carlos Núñez, Luís Carrión.

FSLN

Pedro Chamorro

Nos anos 1970 a base de apoio do regime tornou-se crescentemente instável. A apropriação por Somoza de recursos de ajuda internacional após terremoto que devastou Manágua em 12/1972 e a massiva onda repressiva no interior do país entre 1975 e 1977 provocaram indignação popular e distanciamento de antigos apoiadores. Em 10/01/1978 foi assassinado o opositor Pedro Chamorro, editor do *La Prensa* e líder do Partido Conservador, levando empresários de oposição a convocar uma greve nacional de protesto que durou duas semanas.

A partir de então um vigoroso processo de auto-organização das massas populares tomou a Nicarágua. Em meio a uma repressão brutal da Guarda Nacional, amplos setores populares (com destaque para os movimentos católicos ligados à Teologia da Libertação) aproximaram-se da FSLN. Amparadas no movimento das massas, as três tendências da FSLN anunciaram sua unificação em 07/03/1979. Em 17/07/1979 Somoza fugiu para Miami e em 19/07/1979 colunas de guerrilheiros sandinistas entraram em Manágua.

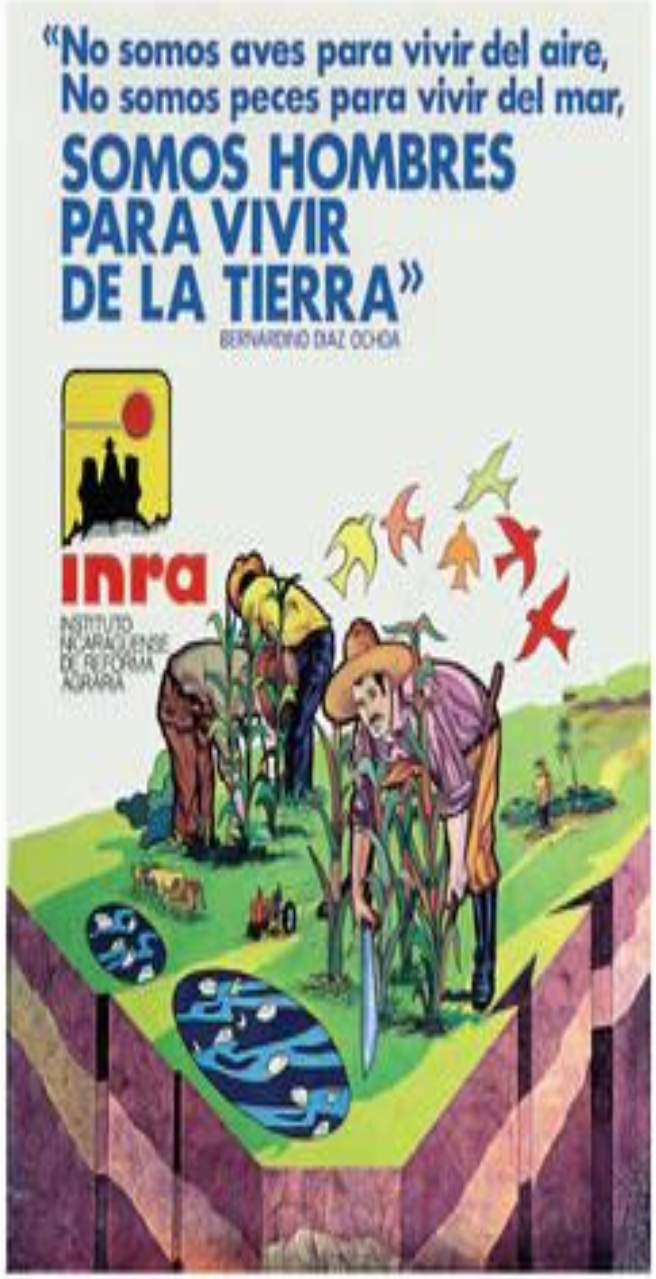
Álvaro Robelo, Sergio Ramírez e Violeta Barrios de Chamorro.

Após a tomada do poder intensificou-se a luta de classes no âmbito político e econômico. Por um lado, formou-se uma Junta de Governo em 16/06/1979 com três membros da FSLN, o industrial multimilionário Afonso Robelo e a viúva de Pedro Chamorro, Violeta Chamorro. Por outro, multiplicaram-se órgãos de poder popular como os Comitês de Defesa Sandinista (CDSs), compostos especialmente por moradores de bairros da classe trabalhadora que haviam combatido a Guarda Nacional durante a insurreição e agora constituíam uma organização de massas que promovia campanhas de saúde, educação e melhoria nos bairros.

Bens da família Somoza foram desapropriados, mas a FSLN propunha uma “economia mista” com proteção à propriedade privada. Por um lado, a burguesia nicaraguense fazia valer seu controle sobre a economia: antes que a revolução completasse um ano, menos de 300 das 663 fábricas estavam em funcionamento, operando abaixo da capacidade. Por outro, a organização sindical que antes englobava 8% dos trabalhadores ganhou rapidamente dimensão massiva. Multiplicaram-se também as ocupações por trabalhadores de fábricas que sofriam sabotagem ou descapitalização patronal

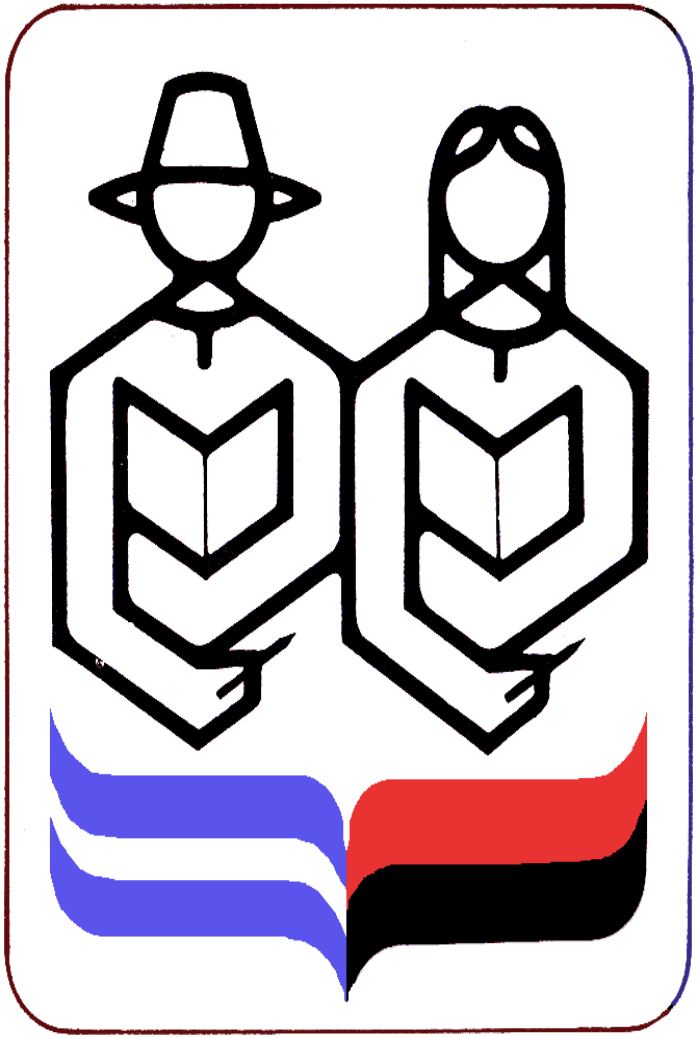
Paralelamente a uma “economia mista”, a FSLN propôs-se manter o “pluralismo político” na Nicarágua, distanciando-se do modelo de partido único cubano. Nas primeiras eleições na Nicarágua revolucionária em 1984, partidos burgueses e candidatos próximos aos “contras” buscaram desacreditar um processo que não poderiam vencer e dele se retiraram. Com comparecimento de 75% dos eleitores, a FSLN venceu com 67% dos votos, elegendo Daniel Ortega presidente e levando 61 das 90 cadeiras legislativas.

Quando è reforma agrária, a revolução nacionalizou terras de Somoza (20% da superfície arável do país), mas deixou a produção para exportação nas mãos de famílias ricas. Cerca de 100 mil camponeses que produziam 90% dos itens de primeira necessidade beneficiaram-se de crédito, assistência técnica e do limite às taxas de arrendamento, o que levou a uma escassez de mão de obra temporária em grandes plantações. Colheitas dependiam cada vez mais de trabalho voluntário de defensores da revolução, mas as fazendas eram particulares e seus donos usavam lucros para financiar a contra-revolução.



Em meados de 1981 ocorria por mês uma média de cem ocupações não autorizadas de terra ociosa por campesinos, ao que o governo reagiu com uma lei de reforma agrária que autorizava o confisco de latifúndios ociosos e de terras sob regime de arrendamento ou parceria. A partir de 1982 também foram confiscadas terras de contra-revolucionários saídos do país. Em 1983 foram distribuídos 350 mil hectares, quatro vezes mais que no período 1979-1982. As terras foram distribuídas a campesinos organizados em cooperativas e, a partir de 1985, também para produtores individuais.

Antes da revolução havia menos de 100 escolas de ensino fundamental na Nicarágua e o índice de analfabetismo chegava a 50%, enquanto no campo beirava 80%. 1980 foi declarado o “ano da educação” e mais de 60 mil brigadistas alfabetizadores foram mobilizados para trabalhar no campo entre março e agosto de 1980. Além de ensinar 400 mil pessoas a ler e escrever, reduzindo o analfabetismo a 13%, os brigadistas trabalharam na colheita, construíram escolas e centros de saúde e organizaram campanhas culturais

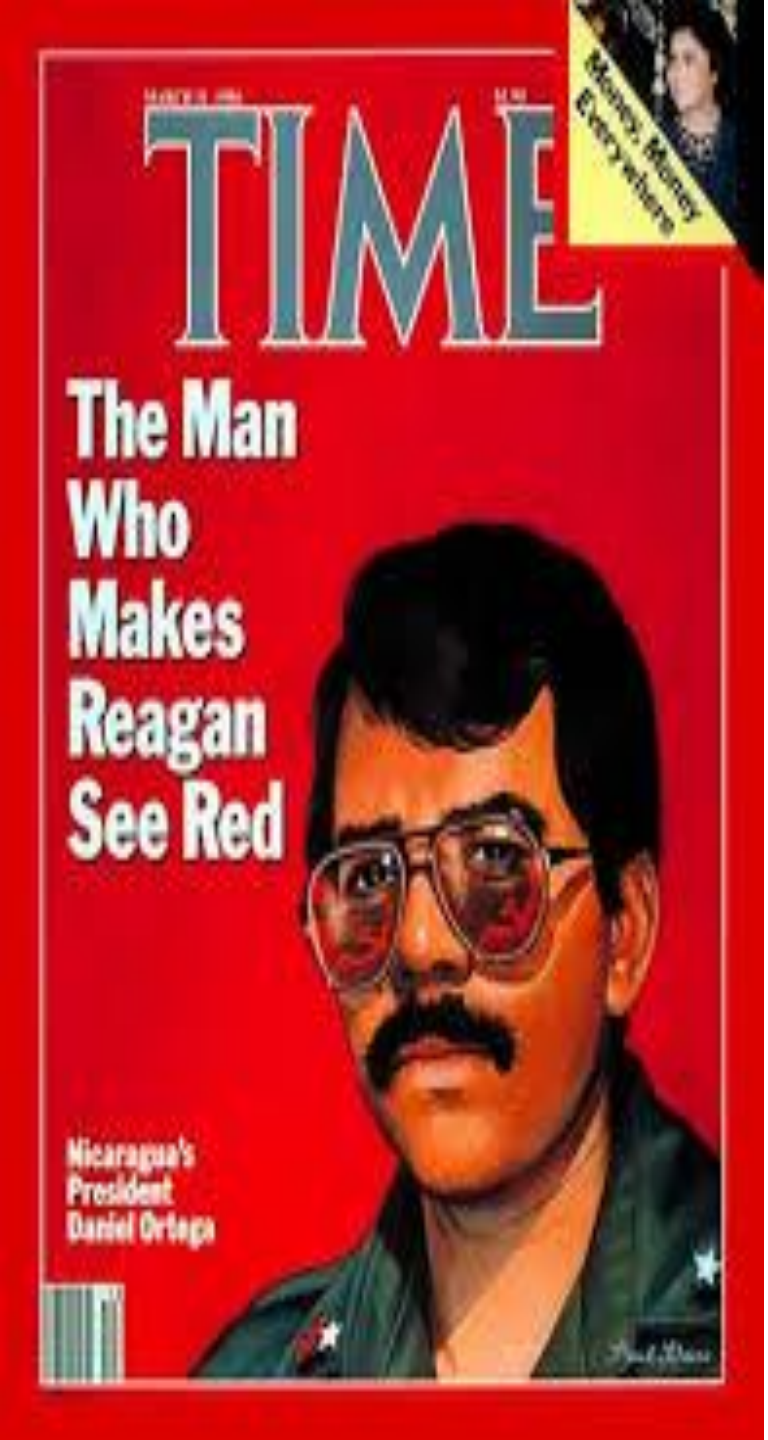


CRUZADA NACIONAL DE ALFABETIZACION

héroes y mártires por la liberación de Nicaragua.

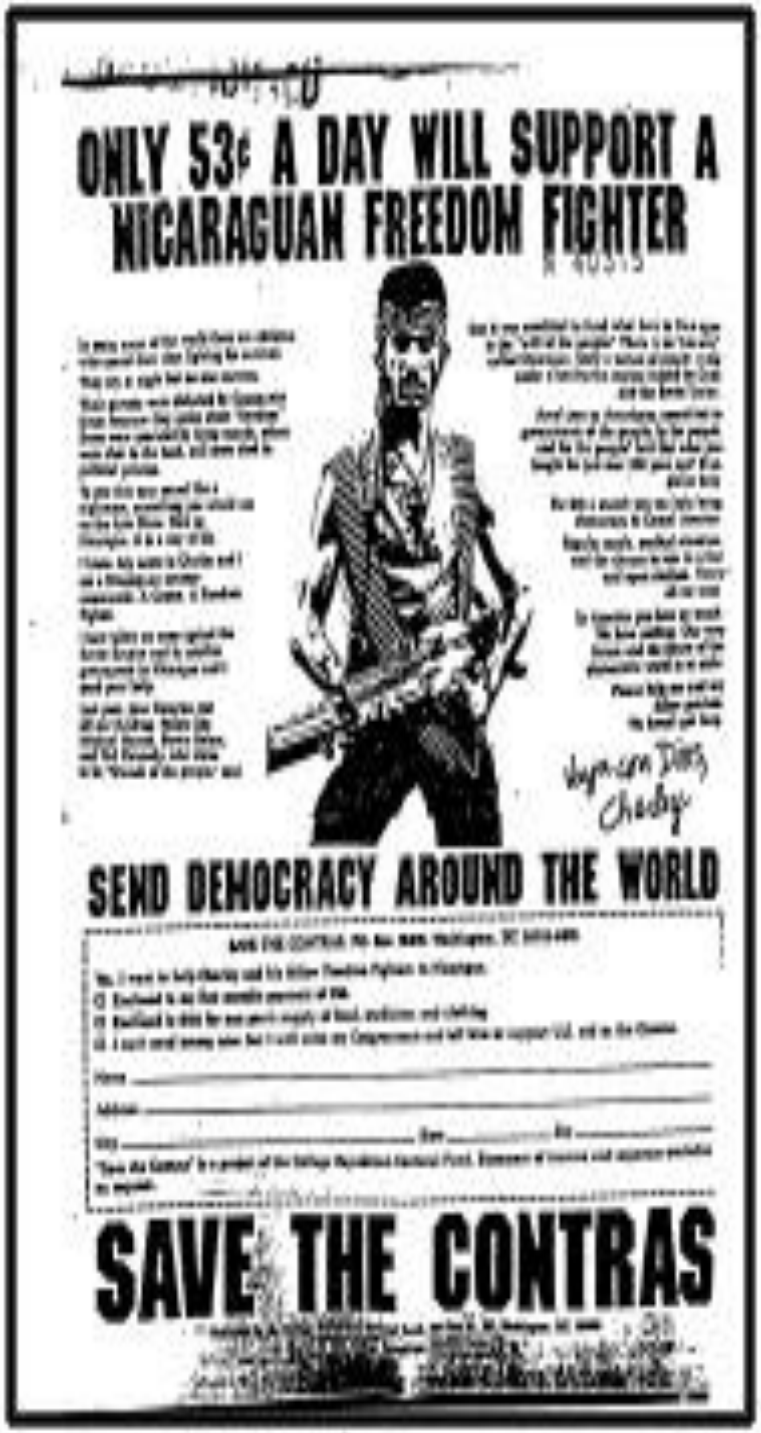
1980

Image: SandinoVive.org



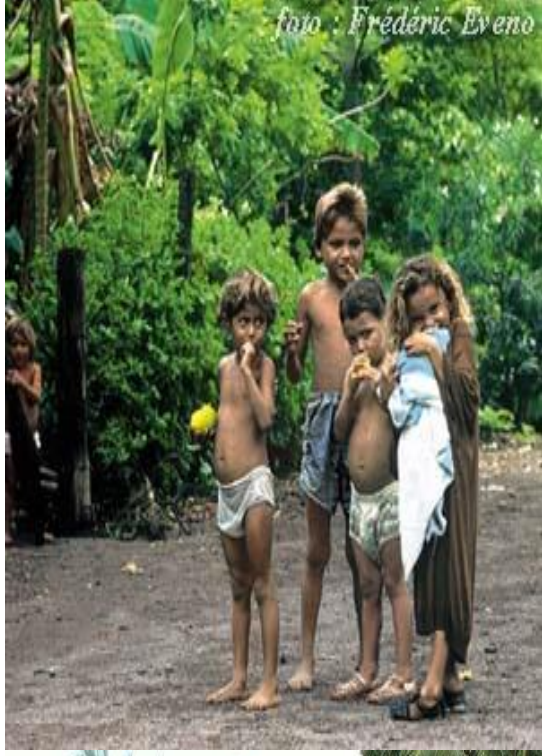
"Nossa sociedade era uma sociedade capitalista dependente, imperfeita, ou melhor, não realizada. Haviam nascido setores sociais que eram um embrião de burguesia; mas não há dúvida de que, qualquer que fosse sua situação, essa burguesia tinha o poder econômico e seu peso na sociedade fazia com que o poder político tivesse de levar em conta seus interesses. Mudando as regras do jogo, introduzimos um conceito de poder popular que, em certa medida, entrou em contradição com essa burguesia [...]"

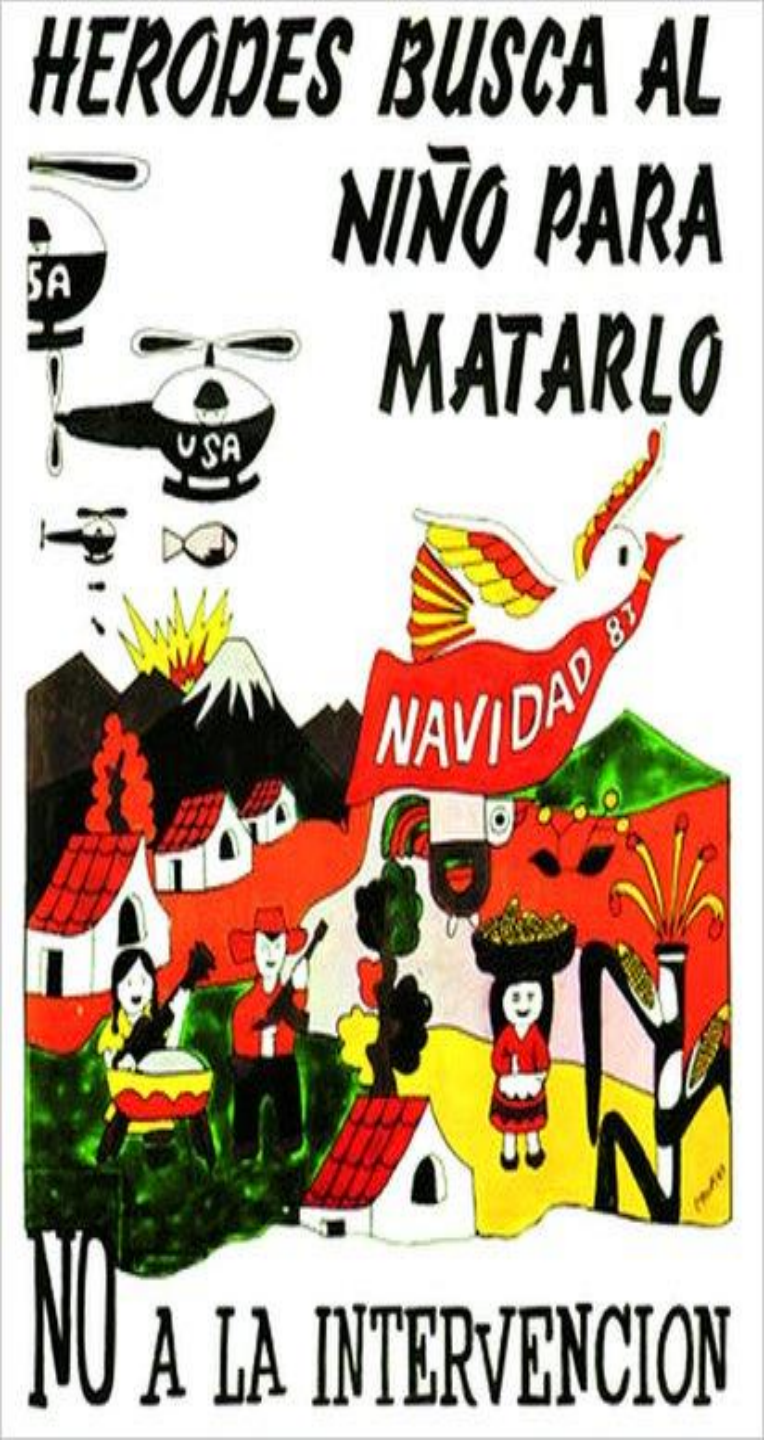
[...] *Daqui nasce uma série de perguntas: poderá funcionar uma economia burguesa no interior de um poder que não é o seu? Essa burguesia poderá sobreviver sendo uma classe subordinada?Poderá existir um 'terceiro espaço', diverso do feudalismo, no qual ela era submetida, e do socialismo, no qual ela não existe, um espaço onde a burguesia enquanto tal, para sobreviver, adapta-se auma situação na qual tem apenas uma função econômica, sem aspirar ao poder político?*" (Jaime Wheelock, entrevista a Gabriele Invernizzi, 1984)



Ao longo da década de 1980 a Nicarágua sofreu ataques de ex-oficiais da Guarda Nacional exilados em Honduras e financiados diretamente pelos Estados Unidos, que injetaram 400 milhões de dólares nas forças contra-revolucionárias. A pressão pública mundial e norte americana contrária à intervenção levou a que se criassem fluxos indiretos de recursos: no escândalo "Irã-contras", a venda de aviões e outros equipamentos militares excedentes ao Irã foi utilizada para criar um fundo "privado" multimilionário de ajuda aos contras

Forças contra-revolucionárias aproveitaram-se das contradições do sandinismo em sua relação com os povos da isolada costa atlântica, onde se destaca a presença de índios *miskitos.* Por um lado, os sandinistas injetaram dinheiro e projetos na área, com uma campanha de alfabetização em 4 línguas, centros de saúde e escolas. Por outro, os sandinistas mantiveram-se estranhos aos olhos locais, incapazes de formar uma base de apoio revolucionária endógena. Em 1981 conflitos na região assumiram uma acentuada espiral descendente e milhares de miskitos tomaram armas contra o governo sandinista





Em 1987 a Nicarágua e outros países da América Central assinaram um acordo de paz, a FSLN e os "contras" concordaram com o cessar fogo e elaboraram um plano para a desmobilização. O fim da guerra foi uma vitória política para a revolução, mas o país estava devastado: mais de 30 mil nicaraguenses morreram na guerra com os "contras", 350 mil famílias foram desalojadas e um total de US$9 bilhões de danos diretos foram computados, 40 vezes o valor total das exportações da Nicarágua em meados dos anos 1980.

Após a guerra e em um contexto de crise econômica e hiperinflação, o governo Ortega adotou em 1988 medidas de austeridade similares às dos governos neoliberais do restante da América Latina: encerrou a distribuição de terras, o crédito barato e o apoio estatal à produção de pequenos lavradores; cortou todos os subsídios às necessidades básicas e suspendeu o controle de preços; aboliu o salário mínimo nacional e privatizou parcialmente o transporte público e o sistema de saúde; desestimulou e reprimiu operários grevistas no campo e na cidade.

A transferência do peso da crise para a base da pirâmide social cobrou seu preço: nas eleições de 1990 Ortega foi surpreendentemente derrotado por Violeta Chamorro, candidata da União Nacional Opositora (UNO), por 55% a 41%. A UNO também conseguiu 51 cadeiras no Congresso Nacional, contra 39 da FSLN. Uma onda de privatizações e demissões maciças no início dos anos 1990 desmantelou os ganhos econômicos da revolução. Por sua vez, a FSLN abriu mão de sua herança revolucionária, convertendo-se em uma força de centro-esquerda no interior da ordem

“Os salários reais em 1988 tinham apenas 30% do poder aquisitivo registrado em 1980 e, no ano seguinte, caíram para 10%. [...] A FSLN usou de sua autoridade perante o operariado para convencer os trabalhadores a trabalhar mais por menos dinheiro, em uma economia que ainda era dominada pelo capital privado. Isso deu aos políticos burgueses uma chance de posar de defensores dos direitos trabalhistas contra a repressão sandinista, reivindicação que provocava riso nos primeiros tempos da revolução, mas, agora, já tinha quem lhe desse ouvidos”
(Matilde Zimmermann, Revolução Nicaraguense, 2006. p. 145)